

HUMANO, DEMASIADO HUMANO

ou

DEUS ESTÁ MORTO

de José Rubens Siqueira

PERSONAGENS

Marco Rubini

Ângela Cintra

Henrique Steiner

PRÓLOGO

No escuro, um celular toca insistentemente.

Depois de algum tempo, ouve-se a voz gravada:

VOZ – Sua chamada será encaminhada para a caixa postal e estará sujeita a cobrança após o sinal. Deixe seu recado para:

VOZ DE MARCO – Marco Rubini.

VOZ DE ÂNGELA – Aqui é a Ângela. Cintra. Desculpe a demora em responder seu telefonema. Mas... *(pausa)* ...acho que ainda é cedo para falar do assunto. *(pausa)* Ainda faz muito pouco tempo que... *(pausa)* De qualquer forma... *(pausa)* Obrigada por sua lembrança. *(pausa)* Nos falamos.

ABERTURA

No escuro acende-se um televisor de tela plana.

Música clássica de abertura sobre o letreiro:

CINCO MINUTOS DE ARTE E CULTURA.

Criação e apresentação: Marco Rubini.

Perfil de Marco em silhueta contra fundo iluminado.

MARCO – Hoje com o pianista e pensador Henrique Steiner.

Close de Henrique Steiner.

A música desaparece debaixo das primeiras falas.

Imagens fragmentadas, editadas cruamente, cortando dele para ele mesmo, só se notam os cortes por pequenas mudanças de posição.

STEINER – Eu não sou um artista criador. Sou... *Fui* um intérprete. A música foi o meu primeiro contato com o mundo. Mas depois que abandonei os concertos e me limitei às gravações... eu... me vi sem saída. Eu era sério demais para ser amador, mas não o suficiente para continuar profissional. (*corte*) Acredito numa arte em que nada ocorre por acaso. É a arte que sonho para o futuro: clara, limpa, sem retórica. Como um quadro de Morandi (*a imagem do quadro se sobrepõe, esmaecida, sobre o rosto dele*): luz de sonho e rigor. Como o barroco de Bach, Biber, Vivaldi mesmo: ordem na paixão. (*uma sequência de três ou quatro imagens de capas de LPs de vinil, com Steiner ao piano, se sobrepõem esmaecidamente ao rosto dele.*) Sem retórica, mas elaborada: eu sinto que a arte que se faz hoje está... voltada para o próprio umbigo. A canção que fala de canção, o romance que narra a própria escritura, o ensaio do balé, não o balé, a discussão sobre teatro, não o teatro em si, o drama, o personagem... sempre os primeiros estágios da criação mostrados como obra. (*corte*) Nada mais arcaico que esse conceito de arte pela arte. Não, não. Não é isso que eu acredito. E o que vejo hoje é mais uma... uma arte *sobre* a arte. Que sai da cabeça, racional, razoável, sem paixão, sem

arrebatamento. Como se qualquer entusiasmo fosse cafona, antiquado. Falta... harmonia. Entre o pensar e o fazer, entre o impulso e a paixão, achar essa ordem encantada que é a epifania da arte. (*corte*) Então, por incapacidade minha, talvez, sim, de completar o processo, a partir de hoje eu prefiro pensar, não dar corpo. Escolho a ideia, não o ato físico, corpóreo. E isso eu não posso apresentar, entende? Não é arte. Então fico na crítica, na teoria, que eu faço por... prazer, talvez? Ou por compromisso. Não sei. É inevitável. Escrever sobre arte não é minha profissão do mesmo jeito como você é jornalista. É diferente. Escrevo quando me ocorre, publico quando me pedem. Estão me pedindo bastante, sim. Mas não tenho o compromisso de escrever com regularidade. Sou quase um... diletante. Acho que eu preciso viver fora do tempo, destacado, sem cadeias, solto. (*sorri*) Quando eu era muito jovem uma amiga socialista com quem eu tinha discussões acaloradas, me dizia: “Não dá para estar sempre disponível”. Eu continuo sonhando com a disponibilidade absoluta. (*corte*) Citação? Bom. Se é o molde do programa, vamos lá, encerrar com uma citação... (*pensa*) Um poeta italiano de que eu gosto muito, Cesare Pavese: “o ócio torna as horas longas e os anos velozes. A atividade torna as horas rápidas e os anos lentos”.

A imagem da televisão se apaga, mas no escuro ainda se ouve a voz dele.

VOZ DE STEINER – (*ri*) Para quê, não sei.

ATO I

Casa de Ângela.

Duas poltronas, atmosfera aconchegante, luz íntima.

Variações Goldberg de Bach tocando baixinho, ao piano.

Ângela e Marco com copos de vinho na mão.

A conversa é lenta, repousada, pontuada por silêncios.

ÂNGELA – Eu vinha de outros relacionamentos, você sabe.

MARCO – Sei de dois. Aquele bailarino... insuportável...

ÂNGELA – *(ri)* Ninguém gostava dele. Mas eu estava triste, ferida... Ele foi gentil.

Longo tempo.

MARCO – E o arquiteto das revistas de celebridades... prefiro não lembrar o nome.

ÂNGELA – *(sorri)* É. Melhor não lembrar. *(tempo)* Houve outros.

MARCO – Claro.

ÂNGELA – Como você sabe disso tudo sobre mim?

MARCO – Jornalista precisa saber tudo. Nós somos... feras famintas. Abutres. Não que você seja uma carcaça, mas...

ÂNGELA – ...vocês farejam os podres. De longe.

Breves risos polidos.

ÂNGELA – Uma vez... achei que eu e o Steiner estávamos numa crise. Falei isso para uma amiga, ela disse: “Não! Vocês não! O casal perfeito!”

MARCO – Você acredita nisso?

ÂNGELA – Casal perfeito?

MARCO – É.

ÂNGELA – *(tempo, pensa)* Não. Acho que isso não existe. Ao mesmo tempo, talvez por ter tido outros... antes... com o Steiner eu aprendi... não, eu *descobri* a confiança. Total. Absoluta. *(tempo de memória)* Tudo em comum: vida e trabalho... Nossa conta no banco era conjunta. O dinheiro de um era

dinheiro dos dois. Sem controle nem de um, nem de outro. *(pausa)*
Quando fomos morar juntos... Ele propôs, eu resisti. Muito. Estava
arrasada, tinha emagrecido dez quilos quando terminei com o...

MARCO – *(interrompe)* O arquiteto inominável.

ÂNGELA – *(breve riso)* Não confiava mais em ninguém. Fui para a Inglaterra. Com
meu trabalho posso morar em qualquer lugar, a internet facilita tudo.
Achei que nunca mais ia ter uma relação estável... Quando o Steiner me
propôs morar com ele... *(tempo de memória)* inacreditavelmente, a
primeira coisa que eu disse foi “mas não pense que vou lavar suas
cuequinhas”. *(riem)* Ele me olhou do outro lado mesa, falou “pois eu lavo
suas calcinhas se precisar”. *(tempo)* Acho que essa conversa banal,
patética mesmo, é que... sei lá, soltou alguma coisa dentro de mim.
Naquele momento, eu achei que ia ficar com ele até um de nós dois
morrer. *(se emociona, contém as lágrimas)* E fiquei. “Até que a morte os
separe”... *(ri e chora)* Que merda!

Longo tempo. Bebem.

MARCO – Casamento que dura para sempre é a exceção da exceção. A norma é
múltiplos relacionamentos.

ÂNGELA – É. Eu segui a norma.

MARCO – Quem não segue? Fidelidade imposta é sempre hipocrisia. Até que a
morte os separe não tem nada a ver com amor. É uma imposição social.
Ou religiosa.

ÂNGELA – Não são a mesma coisa?

MARCO – Até que a morte *do amor* os separe seria realista. Nenhum casamento
sobrevive ao fim do amor.

ÂNGELA – É. Mas o amor sobrevive ao fim do casamento. Com morte ou sem
morte. *(breves lágrimas)*

MARCO – Às vezes.

ÂNGELA – Às vezes.

Longa pausa. Os dois se olham.

MARCO – Eu ia te beijar.

ÂNGELA – Eu sei.

MARCO – Você não tentou evitar. *(pausa)* Por que?

ÂNGELA – Não sei. *(pausa)* Você também não sabe.

MARCO – É. Não sei.

Tempo. Bach continua soando ao piano, baixinho.

ÂNGELA – Obrigada por ter insistido. Ter vindo me ver. Acho que estava na hora de falar dele.

MARCO – É o Steiner tocando?

ÂNGELA – É. Das últimas coisas. Da melhor fase.

MARCO – Hum... Entendo que ele tenha parado a carreira pública, evitado a notoriedade. Mas por que parar de gravar?

ÂNGELA – *(ri)* De gravar, ele não parou.

MARCO – Não?

ÂNGELA – Deixou a música, mas gravava tudo. Sons da natureza, vento, mar, chuva, o barulho da rua, a confusão de conversas das nossas festas. Adorava tecnologia. Você não viu o estúdio? Ele nunca te mostrou?

MARCO – Mostrou. Na última vez que estive aqui. Numa festa. Vocês gostavam de dar festas.

ÂNGELA – Ele era brilhante. Atraía gente. De todo tipo. E sabia separar as mais interessantes. Fascinava as pessoas. Me fascinou. Os anos que eu vivi com ele foram... os melhores da minha vida. Os mais ricos. Não era tudo um mar de rosas. Não era. A gente nem sempre concordava. Quando ele parou de tocar, nós quase nos separamos. Eu estava traduzindo Artaud de novo, um trabalho insano. Ele rondando o escritório, andando pela casa como um tigre enjaulado, irritadiço, ríspido, distante, fechado. Mas exigindo a minha presença, tirânico. *(breve choro)* E mesmo isso... mesmo isso foi bom. Intenso. Forte. Rico. *(breve riso entre lágrimas)* Briga de cachorro grande, meu pai diria. Tanta gente tinha medo dele, das explosões, dos repentes. Eu não. E isso era uma das coisas que acho

que ele gostava em mim. Ele era muito forte. Me fez chorar algumas vezes, claro. Mas acho que... acho que nós nunca nos ferimos fundo. Na base havia respeito. Admiração. Confiança. Mútua. Nenhuma disputa. Era... um casamento de verdade: (*um tanto irônica*) “uma só alma, um só corpo”.

MARCO – Vocês eram fiéis?

ÂNGELA – Havia... por que eu sinto pejo de dizer isso? Havia... amor. Eu amei o Steiner como nunca amei ninguém.

MARCO – É perfeitamente possível amar e ser infiel. Ou amar duas pessoas ao mesmo tempo.

ÂNGELA – Não. Não tinha espaço para isso. Nem interesse, energia. Relacionamentos acabam. Nada é eterno. Mas entre nós dois ainda existia troca. Depois de quanto? Onze, quase doze anos. Sabe?, ele absorvia atitudes minhas. Eu me via nele, às vezes. Era lisonjeiro. Ele aprendia comigo. E eu aprendia com ele. Muito. Nunca diretamente. Sempre aquela maneira indireta, de conduzir o outro a concluir, a descobrir um olhar novo. Ele adorava cozinhar e, você sabe, esteve aqui tantas vezes...

MARCO – Não foram muitas. Três ou quatro talvez.

ÂNGELA – Nos jantares, nas reuniões, a visão dele, a posição dele era sempre... como eu posso dizer?... original. Mudava o rumo da conversa, subia o nível da discussão. Nunca banal, nunca vulgar. Sempre uma colocação fora dos padrões, mas nunca desvairada. Ou gratuita. Sempre um outro olhar. Que ninguém tinha pensado. E entre nós... eu lia os textos dele, ele às vezes revisava comigo trechos de tradução, eu sugeria, ele sugeria, a gente se ouvia. O que é tão, tão raro... O Steiner... ele era... alguém que possui uma dimensão inalcançável. Para mim. E que ao mesmo tempo não impõe, não exige nenhum respeito, nenhuma reverência. Está ali. Arcaico e novo, conhecido e surpreendente. Disponível. Aberto. (*longa pausa*) Minha resistência, no começo, era temor talvez dessa dimensão. Olhando de fora, o formalismo dele dá... dava a impressão de frieza, talvez. Como conviver com uma pessoa assim? E, de repente, no dia a dia da vida, ele era tão disponível para o banal como intelectualmente.

Fazia compras... Eu nunca tinha tido nenhum companheiro que fosse ao supermercado comigo. Que cozinhasse do meu lado. Ou para mim. Por causa da formação dele, da música, ele acordava cantando. Eu sou irritadíssima de manhã. Preciso um tempo para acalmar o mau humor. Foi difícil, no começo, viver com um homem que acordava cantando. O mais difícil é que esse canto não era alegria ou bom humor. Era uma espécie de aquecimento para o dia. Às vezes, ele estava mais mal humorado que eu ao levantar. Mas cantava. Qualquer coisa: Bach, boleros cafonas, Noel Rosa... Nada era comum, simples, corriqueiro. E tudo parecia marcante, único. Irritante muitas vezes. Não é fácil conviver com essa dimensão. Que ocupa todos os espaços, que dá o tom de cada minuto que está presente, mas que... (*tempo*) misteriosamente, preserva um espaço para o outro, um nicho. Ou uma atitude interna, latente. Que de repente, se abre e está junto. No mesmo nível, nem superior, nem inferior. Junto. Parece absurdo o que eu vou dizer, mas ele... era... assim... um deus para mim. Não no sentido da idolatria cega, da devoção. Era... Algo como uma divindade familiar, um antepassado presente. E agora... (*chora mansamente*) agora... Deus está morto.

Súbito black out.

ENTREATO

No escuro, acende-se a tela da televisão.

Outra entrevista de Steiner. Mais velho, mais sereno, mais remoto, quase misterioso.

Dessa vez, sem letreiros de apresentação, sem introdução, mas nos mesmos moldes.

STEINER – Eu não pretendia criar nenhuma celeuma. É tudo tão artificial. Você sabe o quanto eu evitei a notoriedade, não quero mais, nunca mais, ser uma figura pública. Me deixem sossegado, escrevendo meus artigos. Por que você quer me entrevistar outra vez? É assim tão provocador, ainda hoje, falar de Deus num artigo de jornal? Por que as pessoas se ofenderam? Esse arcebispo... Me lembro, muitos anos atrás, quando conheci a Ângela, minha mulher, ela tinha acabado de traduzir Artaud, um programa de rádio dele, dos anos 40 (*imita a voz de Artaud*): “Tudo o que cheira a merda, cheira a ser. Deus é um ser? Se é, é merda! Se não é, não existe!” Isso, sim, era provocador. Na época. Eu não disse nada de mais. Não é uma ideia nova. Está em Eliade, está em Nietzsche. “O homem só será ele mesmo quando dessacralizar tudo. Só será totalmente livre quanto tiver matado o último Deus”. Mas o interessante é que o meu artigo fala exatamente o contrário da dessacralização. (*corde*) Quanto mais religioso, mais o homem tem modelos para os seus atos. Quanto mais religioso, mais inserido no *real*. Numa sociedade primitiva, quando o pescador põe a máscara do deus da pesca, ele não está implorando ajuda divina: ele incorpora o deus, ele é o deus. *Ele* realiza o ato da pesca, não pede que o deus dê o peixe para ele. Nós, modernos, a-religiosos, perdemos esse contato com o sagrado, “esquecemos” o sagrado. A nossa é uma existência trágica... Não deixa de ter a sua grandeza, mas... A gente se “libertou”, “superou” as superstições dos antepassados. Ah, mas como continuamos os mesmos. Continuamos fazendo a mesma coisa que o primitivo religioso, com uma mitologia camuflada, com ritos degradados, despidos do sagrado: natal, réveillon, inauguração, aniversário, casamento... as minhas festas. Todas! Tudo profano! Nada é mais pobre de sentido que a vida numa grande cidade.

Uma vez, neste programa seu mesmo, vi a entrevista de uma cantora que tinha lá as pretensões filosóficas dela e disse assim: “Eu não rezo, porque o tecido do universo é tão complexo que não vai se alterar para atender meu pedido”. Que bobagem! Peça o quanto quiser. O “tecido do universo” é tão complexo que com certeza já contém também o seu pedido. Ou melhor ainda: o tecido do universo não pré-existe a nada. Não está pronto, fixo. Ele se faz, ele é o fazer-se. Se você reza, está fazendo o “tecido do universo”, está criando a realidade. Não rezar é mera justificativa para a própria falta de fé, para o próprio ceticismo. (*corde*) Mesmo o religioso que vai à igreja, que reza antes de dormir, não está aberto para o cosmos, para o sagrado. Sua experiência é privada. Ele pede para si mesmo. Dinheiro. Saúde. Amor. Não sente o mundo como obra de Deus. Porque Deus não existe. O cosmos não é obra divina. Não é sagrado. O último vestígio de sagrado, a última chance que temos de transfigurar a experiência humana e viver num outro plano, transumano, é a arte. (*ele encara a câmera um longo tempo em silêncio. Repete:*)
É a arte.

Muda de atitude.

Mas agora desligue essa câmera infernal, me deixe ser um ser humano comum, seja um ser humano junto comigo e vamos tomar alguma coisa, meu amigo. Venha.

Chama com um gesto e Marco entra em campo de costas, saindo de trás da câmera.

Black-out.

ATO II

Casa de Marco.

Um sofá elegante, um grande tapete persa, ambiente seco, despojado, de bom gosto.

Ângela está deitada no sofá, de vestido longo, elegante, a saia transbordando das almofadas para o chão.

Uma bolsa pequena, de strass, junto aos sapatos de salto.

Marco sentado no tapete, encostado no sofá, aos pés dela, de camisa e calça sociais, mas já sem gravata e paletó.

MARCO – A gente se conhecia há muito tempo, mas só nos vimos meia dúzia de vezes, se tanto. Eu admirava o Steiner como artista, tinha visto alguns concertos, fizemos uma primeira entrevista, anos atrás. Foi marcante. Para mim, ao menos.

ÂNGELA – Ele gostava muito de você.

MARCO – Sentimos uma empatia imediata, uma espécie de... cumplicidade. “Amizade à primeira vista” (*sorri*). Depois daquela primeira entrevista saímos para beber. Falamos de arte, como não podia deixar de ser. Conte da minha paixão pela literatura, dos livros abandonados pela metade. Essas confidências intelectuais que se faz quando se encontra um raro camarada de armas. Logo depois, a primeira mulher dele morreu, ele passou o quê, dois anos? três? em turnê pelo mundo... Só nos encontramos casualmente, frequentávamos mais ou menos as mesmas pessoas. Vocês já estavam casados. Eu conhecia o seu trabalho. Vi uma palestra sua, uma vez, sobre um escritor sul-africano que tinha ganhado o prêmio Nobel.

ÂNGELA – Coetzee.

MARCO – Fui convidado para jantar na sua casa algumas vezes... Nada absolutamente fazia pensar que o Steiner... que ele... faria essa escolha. Tão radical, definitiva. Desculpe, não vamos falar disso.

ÂNGELA – Não, não. É bom falar... Talvez.

MARCO – Eu passei muitos anos dividido entre dois amores. Na adolescência, quando voltamos da Itália, fomos morar no interior. Eu comecei a

escrever no jornal... era precoce, metido, sabe? Cheio de opiniões sobre tudo. Um professor que foi meu mestre, um mentor intelectual mesmo, que me deu um primeiro rumo intelectual, Giovanni Tortello... Você nunca ouviu falar, não é?

ÂNGELA – Não.

MARCO – Ele produziu alguma coisa de crítica literária. Publicou muito pouco. Sempre no âmbito da universidade. Fez uma escolha valente, admirável: um homem brilhante que escolheu fazer da vida dele despertar o prazer da leitura em gerações e gerações de jovens de uma cidade do interior. Um desses gênios... não, não é essa a palavra... enfim, uma dessas figuras anônimas que mudam o rumo da vida de dezenas, centenas de pessoas talvez. E ficam no passado, desconhecidas. Não esquecidas. Muita, muita gente deve lembrar dele. Enfim... Eu comecei a me empenhar em escrever para o jornal, ele lia, dizia: “Muito bom. Você pode ser um bom jornalista. Mas você devia escrever”. Eu achava... ainda acho, que ele tinha razão. (*ri, autodepreciativo*) Escolhi modelos: Tolstoi, Nietzsche... Sartre foi formador. Era escritor, filósofo e não se isolava numa torre de marfim, vivia no mundo, não casou mas tinha uma relação absoluta com um mulher no mesmo nível, de igual para igual, verdadeira, real, participou da movimentação de rua, recusou o prêmio Nobel. Não era pouco: um homem integrado no sistema e questionando o sistema. Que seguia a própria cabeça. O super-homem de Nietzsche. Produtivo: escrevia filosofia, teatro e uma literatura viva, inquietante. Era assim que eu queria ser. (*pausa*) Mas quando fui para a cidade grande, para a universidade, o apelo do mundo foi forte para mim. Muito forte. Eu... cheguei perto do alcoolismo... (*ri*) Minha mãe nega, mas eu me lembro, na Itália, quando era criança, brincando, no calor, sentia sede, me davam vinho. Meu irmão mais velho jura que a gente nunca bebia água em criança. Era vinho. Lendas familiares... Enfim, eu me deslumbrei com a facilidade de tudo, com a variedade da metrópole, passei pelas drogas que havia na época: maconha, cocaína, LSD... Ainda não existia Aids... Eu cheguei perto, muito perto do... deboche? não, é muito forte. Da dissipação. Bebida, mulheres, festas, viagens. Corri o sério risco de virar

jornalista de celebridades. Mas acabei encontrando no jornalismo um nicho que me punha no meio de todo o movimento artístico. Primeiro na mídia escrita. Depois na TV, onde eu fui parar meio por acaso.

ÂNGELA – Como?

MARCO – Anunciei para a pessoa certa que estava terminando um romance...

ÂNGELA – E estava?

MARCO – Achei que se anunciasse, criaria uma pressão para eu terminar. Falei do livro quando entrevistei alguém da televisão para o jornal. Me chamaram para um talk-show. A câmera gostou de mim. Naquela época eu fotografava melhor que pessoalmente... Não, não estou pedindo confete. Me propuseram fazer o *Cinco minutos*. Funcionou. Ganhou audiência depressa, não existia nada similar. Eu gostei. Tinha liberdade para chamar quem eu quisesse e a televisão abria as portas para tudo o que eu mais gostava: música, teatro, cinema, literatura, artes plásticas... O programa deu certo. E me sobrava tempo para dedicar à escritura. *(pausa)* Foi o que eu acreditei.

ÂNGELA – E o romance? Existe?

MARCO – Existe, sim. Incompleto. Não um. Três. Cada um abandonado num estúdio. Mais ideias anotadas do que literatura de fato.

ÂNGELA – Eu posso ler?

MARCO – *(ri)* De jeito nenhum. Eu ia me sentir nu, exposto. Tem gavetas e gavetas de contos, pilhas de ideias, tentativas de poesia... Durante muitos anos eu vivi entre dois amores. Ainda vivo. Talvez. Não sei. Se eu amasse de fato a literatura, escrevia... Um amigo meu passou anos tentando parar de fumar, quando a gente se encontrava, ele dizia: “Eu vou conseguir. Só hoje já parei de fumar dezesseis vezes”. *(Riem)*

ÂNGELA – E ele conseguiu?

MARCO – Conseguiu. Eu abandonei definitivamente a literatura *mais* de dezesseis vezes. E voltei a tentar. Como um vício mesmo. *(pausa)* Ninguém acha que vai vencer. Mas a gente não para de lutar. Mesmo na dissipação...

ÂNGELA – Você é muito produtivo na televisão. Não está mais no ar, mas continua com uma linha de produção interessante. Sobra tempo para... dissipação?

MARCO – Ah... Eu desperdiço os meus dias.

ÂNGELA – Mas o que você esperaria da literatura? Ninguém vive só de literatura.

MARCO – (*pensa um longo tempo*) Viver sempre em plenitude espiritual.

ÂNGELA – Nossa!

MARCO – É. Essa foi pesada...

ÂNGELA – (*ignora a auto ironia dele*) Você acha possível?

MARCO – Mergulhado no mundo como eu vivo, não. Mas diante de Guimarães Rosa, por exemplo, parece possível. Eu cheguei tarde ao Guimarães. Mocinho, tentei ler *Grande sertão, veredas* milhares de vezes. Achava impenetrável. Até Joyce foi mais fácil. Em tradução, claro. Me senti moderníssimo andando por todo lado com o *Ulisses* debaixo do braço. Mas não era só pose. Gostei mesmo do livro. Me abriu possibilidades que eu nunca tinha imaginado. Na mesma época assisti *A doce vida, Ano passado em Marienbad, Deus e o diabo na terra do sol*, passava dias e dias investigando cada canto da Bienal de artes plásticas... Passei um ano na Europa, entrevistando artistas brasileiros que tinham escolhido viver fora. E só lá, no final desse ano, eu descobri o Brasil com o Guimarães Rosa. Li *Grande sertão* de um fôlego só, não dormi, não saí, comia lendo, dias enfiado em casa, mergulhado no livro. Me fez me sentir brasileiro, esquecer a tentação de viver na Europa. Foi... uma experiência de plenitude espiritual.

Ângela fica olhando para ele um longo instante.

Marco fica constrangido.

MARCO – (*com ironia*) Diante de certas situações... só o silêncio.

ÂNGELA – É bonita a sua inquietação. Vital. Não vejo nada de dissipado, de abandono no que você diz. Fico pensando o que podia te ajudar...

MARCO – Ninguém ajuda ninguém. Nada se evita. Só se atrasa o inevitável. Salva-se hoje, morre-se amanhã.

ÂNGELA – Você não acredita nessa pose derrotista.

MARCO – Não é pose. E não é derrotista também. Realista talvez. Com a maturidade... a gente sabe que vai se deparar com picos e depressões. E

se adapta. Como a água que corre... O que não consola, nem resolve nada além de manter a cabeça fora do mar do desespero.

ÂNGELA – Isso é amargo.

MARCO – Mas suportável. Já foi insuportável. Sobretudo pela solidão.

ÂNGELA – Você nunca encontrou sua Simone de Beauvoir?

MARCO – Talvez. Mas acho que fui covarde. Deixei passar. Fugi.

ÂNGELA – Amigos?

MARCO – Hum... Ex-colegas de escola, companheiros de trabalho, parceiros de farras... Amigo mesmo, quem chegou mais perto foi o Steiner. O que é paradoxal porque nos vimos e conversamos poucas vezes. Na última entrevista que fiz com ele...

ÂNGELA – Foram quantas? Quatro?

MARCO – Três. A segunda não deu certo. Não foi ao ar. Ele estava muito reticente, ríspido mesmo. Comprometeria a imagem dele, deixamos de lado. A última foi muito brilhante, quando houve aquela celeuma toda do arcebispo ofendido com o que ele disse de Deus... (*os dois riem*) Mas me ficou um travo amargo depois, porque acho que fui desleal com ele.

ÂNGELA – (*pega a bolsa do chão*) Eu acho que você vai... (*interrompe-se, hesita*)

MARCO – O que foi?

ÂNGELA – Nada. Continue.

MARCO – Ele nos recebeu na sua casa, eu e o câmara, sempre trabalhei com equipe pequena. E quando deu por encerrada a entrevista... pediu que eu desligasse a câmara e eu... não desliguei. Mandei deixar rodando. Queria pegar um lado mais despojado, mais espontâneo dele, enquanto a gente conversava. Mas não pus no ar. Porque acabou expondo muito mais a mim do que a ele. Eu estava num extremo de sufocação. Numa crise dolorida mesma. Com tudo. Mas principalmente com a frustração da literatura. Foi o momento em que nós estivemos mais próximos, amigos, mesmo. Um auge de proximidade que nunca tive antes... Nem depois.

ÂNGELA – Então. Isto aqui é um presente para você. (*tira da bolsa um DVD e entrega a ele*).

MARCO – O que é? Para a gente ver agora?

ÂNGELA – Por que não?

Marco vai para trás do sofá, põe o DVD num aparelho não visível.

Aponta o controle remoto para o fundo da plateia.

Atrás deles, acende-se o televisor.

Marco e Ângela olham para o fundo da plateia como se assistissem lá.

A imagem é uma continuação do momento exato em que terminou a última projeção:

Steiner chama com um gesto e Marco entra em campo de costas, saindo de trás da câmara.

STEINER – *(na projeção)* Xerez? Moscatel?

MARCO – *(na projeção)* Uma coisa mais forte...?

STEINER – *(na projeção)* Uísque?

MARCO – *(na projeção)* Uísque.

MARCO – *(no palco, perplexo, falando por cima das primeiras falas banais da gravação)* Como... como ele tem isso?

ÂNGELA – Não faço ideia.

MARCO – Nem eu tenho mais.

ÂNGELA – Achei que você ia gostar.

MARCO – Você já viu?

ÂNGELA – O comecinho. Quando ele estava editando. Não vi tudo. Acho que ele fez para você mesmo

A projeção é toda picotada, fragmentos de conversa, com momentos em que um ou outro não estão em quadro.

E com trechos da tela escura, em que só se escuta a voz gravada, frases soltas, uma obra de vídeo arte quase.

STEINER – *(na projeção)* Não se feche em casa como eu numa vida segura, com tudo garantido. *(corte)*

É melhor ser miserável que previsível. *(corte)*

MARCO – *(na projeção, mas fora de campo)* Ah, mas eu não sei o que estou fazendo da minha vida.

STEINER – Para muita gente eu jogo fora a minha vida numa mediocridade dourada, regida pela razão, pelo bom senso. Posso parecer um burguês resignado, mas a paixão intelectual, o arrebatamento da arte, pode ser mais intenso que as paixões do mundo. *(corte)*

Eu sou um poço de contradições. *(corte)*

MARCO – *(na projeção)* É maravilhoso fazer uma coisa bem feita.

STEINER – *(na projeção)* A juventude é uma promessa. Uma mentira. Na maturidade, se troca a esperança pela certeza. A certeza dá medo. É mais fácil se esconder na sombra, na noite. *(corte)*

(frase sem imagem) Eu sou um poço de contradições.

STEINER – *(na projeção)* Não sei nada. Nada mesmo. *(repete a frase e a imagem)*
Não sei nada. Nada mesmo. *(corte)*

Posso ser seu amigo, mas não te aconselhar. *(corte)*

MARCO – *(na projeção)* Às vezes eu penso que não há diferença. Se a tecnologia nos faz rir, nos faz chorar, ela já é humana. Para que escrever?

STEINER – Em si, talvez. Mas a tecnologia escraviza. Cria uma vida de servidão ao poder. O poder machuca, prende, anula. Se é absoluto, gera a sensação de paz, de segurança. *(corte)*

A paz dá medo. A paz é uma máscara que esconde o inferno. *(corte)*

Esquecer é a ferida que mais dói. Esquecer é perder a si mesmo. Às vezes, eu não me lembro da cor dos olhos da Ângela. Ela fala comigo e eu não escuto. Não ouço a voz do anjo. *(corte)*

(frase sem imagem) Não sei nada. Nada mesmo. Posso ser seu amigo, mas não te aconselhar. *(corte)*

(Steiner olha a câmara: sabia o tempo todo que estava gravando) Como será o mundo amanhã? O mundo dos meus filhos? Eles vão me fazer perguntas que eu não sei responder. Não sei nem as perguntas. Não há respostas.

A imagem se apaga num corte seco.

Marco e Ângela estão visivelmente abalados, intrigados, surpresos.

Um longo silêncio.

MARCO – Ângela... como foi com as crianças?

Irrompe a música.

Clique duas vezes para ouvir



Bach BWV 999.m p3

Ângela explode num choro muito alto, muito intenso.

Anda de um lado para outro, sob uma emoção arrebatada, selvagem.

Marco fica olhando um instante.

Vai até ela, anda atrás dela, tenta contê-la.

MARCO – Ângela... Desculpe. Eu não devia...

Ela se desvencilha com violência, grita.

ÂNGELA – (grita) Ele não podia fazer o que fez! Não podia! Não tinha o direito! (sempre chorando muito, aos gritos sobre a música forte) Maldito! Maldito! (com um gesto violento derruba livros e papéis da mesa) Filho da puta! Ele não podia... como ele pôde? Como? (chorando com violência, mas enternecida) O menino... ele... A menina adora as palavras! As palavras! Adorava! (sem parar de chorar e andar, enlouquecida, sobre a música, declama com entonação de poesia recitada) A águia! “Atire um i na água, ela voa!” ela disse: vira águia. Entende? Você entende? (chora ainda mais, debate-se para se livrar de Marco que quer abraçá-la) Não! Me deixe! O menino era pensativo, reflexivo, intrigado. Capaz de assistir, mudo, um filme inteiro de começo a fim. Não! Não são deles! Não eram deles! Não eram de ninguém! Eram deles mesmos... (chora muito, despenca nos braços de Marco, que a sustenta ainda em pé) A vida... era deles! Deles. Só deles. Eles tinham o direito de viver!

MARCO – Ângela... Ângela...

ÂNGELA – (ofegante, quase sem forças) Que doçura dormir com uma criaturinha a seu lado...

Black out.

Acende-se a televisão: trecho de telejornal.

LOCUTOR – Morreu hoje em São Paulo, em circunstâncias misteriosas, o pianista e intelectual Henrique Steiner. A notícia surpreendeu a classe artística brasileira. Amigos e colegas negam que o artista estivesse deprimido ou passando por dificuldades e não enfrentava nenhum problema de saúde. Henrique Steiner estava em plena posse de suas faculdades mentais quando matou os dois filhos, um menino de 11 anos e uma menina de 13 com tiros na cabeça e suicidou-se em seguida. A polícia descarta definitivamente a possibilidade de assassinato. Abalada com a tragédia, em estado de choque, a viúva, Ângela Cintra, pede, através de amigos, que seja respeitada a privacidade da família.

Black out.

Som de raio e trovão muito fortes.

Ruído de chuva torrencial.

ATO III

Luz.

Escrivaninha antiga com muitas gavetas.

Em cima dela, um computador, um livro aberto num suporte de livro, pilhas de papel mais ou menos organizadas cobrindo a mesa.

Dicionários abertos, uns sobre os outros, livros empilhados no chão.

Um cadeira de escritório.

Marco e Ângela entram correndo, encharcados.

Começam a tirar a roupa molhada.

Ela sai pelo lado oposto, volta em seguida, vestindo roupão e com um roupão de homem na mão.

Marco está acabando de tirar a camisa, aponta a própria calça.

MARCO – Posso?

ÂNGELA – Claro.

Estende o roupão para ele.

Marco tira a calça, fica de cueca.

Olha o roupão.

MARCO – Era dele?

ÂNGELA – Hum-hum.

Marco pega o roupão e se enxuga com ele.

ÂNGELA – Não vai vestir?

MARCO – Não. Você se importa?

ÂNGELA – Não. Fique à vontade. Vou fazer um café.

MARCO – Prefiro um conhaque. Não?

ÂNGELA – Ok. Tomo também.

Ela sai.

Marco examina o roupão, hesita um breve instante, cheira o tecido.

Pendura pelos ombros, longe do corpo, olha, como se visse Steiner dentro dele.

Ângela o surpreende ao entrar com a garrafa de conhaque e dois cálices.

Ri do sobressalto dele, senta na cadeira, serve a bebida.

ÂNGELA – Não se preocupe. Outros já vestiram depois dele.

MARCO – (*malicioso*) Ah...

ÂNGELA – Não como você está pensando. Meu pai esteve aqui comigo uns tempos, depois... Meus irmãos...

MARCO – Quantos?

ÂNGELA – Dois.

MARCO – Só você de mulher.

ÂNGELA – Isso.

Relutante, ele veste o roupão.

Pausa. Bebem.

Ele apoia o quadril numa ponta da escrivaninha.

Ela afasta uns papéis para abrir espaço.

Ele senta no tampo.

MARCO – Como eu sabia tão pouco de você?

ÂNGELA – O foco era sempre o Steiner. Para mim, era confortável. Eu circulava pelos lugares interessantes, mas não tinha ninguém me assediando, tirando fotografias, entrevistando. Como convém a uma tradutora: invisível.

MARCO – Quando eu tinha o programa na televisão, encerrava sempre com uma citação.

ÂNGELA – Eu me lembro...

MARCO – Alguém uma vez citou Flaubert, não vou lembrar da frase exata, mas era alguma coisa como: “o artista tem de estar na obra como Deus no mundo, invisível, todo-poderoso; o artista sentido em tudo, mas não visto”.

ÂNGELA – Genial. (*tempo*) Ou não. O artista como Deus, é tão século dezenove...

MARCO – Será? Deus no sentido de criador...

ÂNGELA – Talvez.

Pausa para um gole.

MARCO – Eu sabia que a primeira mulher dele tinha morrido. Sabia que vocês casaram em Londres, mas sempre achei que os filhos eram seus.

ÂNGELA – Não eram. Se fossem, seria ainda mais imperdoável. Eu não teria resistido.

Tempo.

MARCO – Sabe que sete anos antes do fim do mundo vai parar de nascer crianças?

Trocam um olhar. Caem na gargalhada.

MARCO – As freiras do colégio em Gênova ensinavam isso pra gente. Me deu muita tranquilidade. Eu tinha oito para nove anos, meu irmão tinha acabado de nascer. Minha mãe tinha uma porção de amigas grávidas. Ainda tinha um tempinho.

Bebem em silêncio.

MARCO – As pessoas querem acreditar.

De repente, riem de novo.

ÂNGELA – Porque nada tem fim. Nada acaba. Nem com a morte acaba.

MARCO – Difícil esquecer o Steiner. Eu mesmo, não consigo fechar para mim... Imagino você.

ÂNGELA – Eu não quero esquecer. Esquecer é a ferida que mais dói. Esquecer é perder a si mesmo. Quando eu estava na universidade, morreu a mãe de um professor muito querido da gente, nós fomos ao velório. Fiquei perplexa com a serenidade dele, imóvel, impassível ao lado do caixão.

Não consegui escapar do lugar comum, falei: “meus sentimentos por essa grande perda”. Ele abriu um sorriso muito claro, disse: “ah, mas não é uma perda. Com a morte ela completou a vida. Como filho, eu ganho uma mãe completa, cumprida, encerrada. Que é minha agora, não dela mesma mais”. (*tempo*) Eu demorei esses anos todos para entender. Não quero esquecer o Steiner. Quero que ele fique como um deus familiar da Roma antiga, presente como morto. Vivo como morto. Com meus dois deusinhos, um menino, uma menina de cada lado. Você entende.

MARCO – Eu entendo. O maior risco é endeusar os mortos.

ÂNGELA – Ah, isso não. Eu não perdo nada, não esqueço de nada. A vida não era só dele. Era minha também. O Steiner podia ser monstruoso. (*tempo*) Você imagina o que é eu estar chorando porque ele me magoou, muito uma vez, não importa porque, e ele impassível, sentado no banco do piano, me olhando por cima do reflexo preto do piano de meia cauda da sala, na minha frente, me olhando chorar. Sem um gesto, sem uma palavra. Mudo. Assistindo a minha dor. Ele era capaz disso. (*tempo*) Nunca chegou ao cúmulo de começar a tocar, mas...

MARCO – (*breve pausa*) Todo deus é terrível.

ÂNGELA – É inegável que o suicídio dele foi um choque, mas ele estava se matando aos poucos. Primeiro matou o pianista de concerto, depois o das gravações, o pensador dos artigos de jornal... No começo, logo depois, eu me sentiilhada. Sozinha na ilha Steiner. Tudo era ele. Tudo. Eu era ele. Os brinquedos das crianças. Primeiro, eu quis apagar o fato. Por mais estranho que pareça, foi mais fácil... aceitar, não, mas... *encaixar* a morte dos dois pequenos num quebra cabeças sem solução. Duas, três semanas depois eu dei tudo. Dei tudo delas. Tudo: móveis, roupas, brinquedos. Doei o piano. Pinte as paredes. Eu mesma. Mudei o escritório aqui para a sala. Depois... foi mudando. Aos poucos. Não sei como ainda.

MARCO – Você sente raiva? Eu senti. Muita. Num primeiro momento, me senti traído pelo Steiner.

ÂNGELA – Senti. Mas não foi o mais forte. O mais complicado, para mim, que convivia com ele vinte e quatro horas por dia foi entender como eu não percebi que isso ia acontecer.

MARCO – Será que ele mesmo sabia?

ÂNGELA – Pois é. Não sabia. Eu tenho certeza que não sabia. Mas também não foi uma resolução de momento, um impulso. Essa... sombra da morte morava dentro dele.

MARCO – É verdade.

ÂNGELA – Claro, teria sido mais fácil para mim se fosse eu. Se ele me matasse antes de se matar. Mas de algum jeito...

MARCO – Eu sei. Para mim também: em algum canto escuro eu acho que sabia que ele tinha isso dentro dele. Essa potência de iluminar o mundo e ao mesmo tempo, acabar o mundo. Destruir tudo. Eliminar o futuro. (*longo tempo*) Mas no fundo... Acho... acho que eu também tenho em mim a capacidade do suicídio. Não tenho filhos, claro. Não sei se faria o que ele fez... Talvez até fizesse. (*tempo*) Há momentos, você talvez também já tenha sentido isso... acho que todo mundo sente... há momentos em que a inutilidade de tudo... você olha em torno, pergunta “por quê?”, “para quê tudo isto?” Basta! Já basta, não quero mais. Não quero... Você entende?

ÂNGELA – Entendo. Acho que entendo. Mas eu me pergunto se a gente o direito. Talvez diante de uma doença terminal, de uma vida vegetativa, sim... Mas por tédio... por desespero...

MARCO – Desespero, não. Desesperança...

ÂNGELA – Tenho dúvidas. Ao mesmo tempo que se sente essa saciedade, esse basta da falta de sentido, da inutilidade como você diz... quantas vezes a gente se surpreende virando a esquina, topa com o inesperado... De repente, a... simplicidade.

MARCO – Talvez eu sinta a ausência do outro... Socialmente, politicamente, não: eu reconheço o outro, estou comprometido, por força do meu trabalho mesmo. Mas pessoalmente...

ÂNGELA – Você ainda se casaria? Construiria uma vida em comum, repartida...

MARCO – Não sei. Não sei... Não tenho mais medo de renunciar à liberdade. Com a idade essa ideia vai pouco a pouco perdendo o sentido. Mas construir uma relação, como uma obra... E depois deixar marcas, rastros quando o fim...

Longo tempo sem saída.

ÂNGELA – De vez em quando, entro no estúdio. Ouço as gravações. Eles mostrou as gravações para você?

MARCO – Algumas: uma cachoeira, pássaros, um cachorro latindo preguiçoso no silêncio da noite, sem parar, sem parar, sem parar...

ÂNGELA – Quer ouvir?

MARCO – Se você quiser...

Ela sai rapidamente.

Um momento depois, ouve-se o barulho do mar.

Marco mexe nos papéis sobre a escrivania, curioso.

Ângela volta com uma tigela de nozes e frutas secas, queijos, biscoitos.

ÂNGELA – O tempo passa, passa, mas... Entender, eu não vou entender nunca. Esquecer também não. Mas ainda não achei um lugar para ele, um lugar que fique confortável para mim a presença dele e das crianças. Na minha ilha.

Pausa, bebem um gole, comem pequenos bocados.

MARCO – Sabe que as ilhas de plástico, aquele lixo todo acumulado pelas correntes no meio do oceano, estão diminuindo?

ÂNGELA – *(breve riso irônico, intrigada com a mudança de assunto)* Que bom.

MARCO – Não. Não é bom. Quer dizer que o plástico está se fragmentando em pedaços menores e sendo comido pelos peixes. Consequentemente, comido por nós também. O que parece uma besteira. O plástico não é digerível. Se o peixe come, sai nas fezes do peixe. Não fica nele para a gente comer. É mais um alarmismo. E não há razão para alarme. Se o plástico se fragmenta e é espalhado pelas fezes dos peixes por áreas maiores, facilita a eliminação. Em resumo, facilita a eliminação do planeta como um todo. É fatal. Nós vamos acabar com a terra. Não? Não.

Vamos acabar é com a espécie humana. A terra continua impávida.
Depois que desaparecer o último humano, quem sabe...

ÂNGELA – *(breve pausa)* Por que você faz isso?

MARCO – O quê?

ÂNGELA – Fica tentando me divertir.

MARCO – Não estou tentando te divertir.

ÂNGELA – Por que você me procurou?

MARCO – Para eu entender.

ÂNGELA – Impossível entender uma coisa dessas.

MARCO – Eu sei. Não adianta. Só se atrasa o inevitável.

ÂNGELA – Por que você quer me salvar? Salvar de quê? Ele é que era alguém que o mundo não podia perder. Eu não.

MARCO – *(muito irônico)* Esperança talvez...

Tempo. Ela não registra a ironia. Ou escolhe não registrar.

MARCO – Talvez ele só estivesse com medo. Não medo de uma ameaça externa: medo de si mesmo, de todos nós. Nós erramos. Sempre. Estamos errando tudo. Tudo. Acabando com o planeta, acabando com o futuro...

ÂNGELA – Eu queria... não ter recordações. Só projetos.

MARCO – Quando eu fumei maconha pela primeira vez, a sensação mais forte foi a alteração do tempo, da percepção do tempo. Eu estava agarrado numa poltrona, com medo, claro, não era uma coisa comum como hoje. Era uma transgressão séria. E me senti viajando para o futuro. De costas. O futuro vinha de trás, imprevisível, como fotogramas de um filme e ia passando por mim e sumindo lá na frente, formando um túnel. O passado eu via, todo. O futuro não.

ÂNGELA – De novo.

MARCO – O quê?

ÂNGELA – Por que você está tentando me divertir?

MARCO – Talvez esteja querendo é quebrar o seu formalismo.

ÂNGELA – Eu sou formal?

MARCO – Não é?

ÂNGELA – *(pensa um instante)* Talvez. Se é para filosofar: o formalismo é importante, Marco, para permitir a transgressão. Que é indispensável. Só se evolui transgredindo. Mas quanto mais liberal a sociedade, mais violenta a transgressão. *(breve pausa)* Não é? Numa sala de concerto, uma tosse é transgressiva. Alguém levantar e falar alguma coisa é impensável. Numa sociedade repressiva, uma marcha silenciosa pela rua, é violenta. A resistência pacífica de Gandhi na Índia só era potente porque o poder inglês era formalista. Quanto mais liberal a sociedade, mais violenta tem de ser a transgressão.

Marco fica olhando para ela um momento.

O som do mar acaba abruptamente.

ÂNGELA – O Steiner gravou manifestações de rua também.

MARCO – *(ignora, mantém o clima anterior)* Numa sociedade sem deus, olhar o céu ao entardecer pode ser uma transgressão, pode desencadear uma experiência religiosa: o infinito, o transcendente. A cidade, árida, sem cor, fria, e o céu incendiado... Céu e terra, concreto e abstrato, corpo e alma... Como nos mitos: Tristão e Isolda, Eros e Psiquê, masculino e feminino... Uma integração de princípios... uma união sexual, transfigurada. Toda experiência humana, como o sexo, pode ser transfigurada, vivida num outro plano, trans-humano: do pessoal, para o social, para o cósmico...

Longo tempo.

ÂNGELA – Acho que foi a cantada mais bonita que eu já recebi.

Riem.

ÂNGELA – Eu traduzi muitos autores indianos que escrevem em inglês, claro. São mestres em semear essas metáforas místicas num texto às vezes banal.

MARCO – Quantas línguas você fala?

ÂNGELA – Além do português, nove.

MARCO – Nossa! Eu falo italiano por origem de família, voltei para o Brasil com onze anos. Arranho um inglês operacional de computador e já acho muito.

ÂNGELA – Eu queria falar todas. Nove não é tanto. Se você pensa nos parentescos: russo, tcheco, polonês são próximas, quando se aprende uma fica fácil saber as outras. Alemão e holandês também. E as latinas, francês, italiano, espanhol, muito parecidas. O inglês tem a estrutura muito simples, a maior parte do vocabulário greco-latino, como o nosso, por isso que... Você está rindo de mim.

MARCO – Não, não. Estou admirando. É fascinante. Traduzir deve ser muito exigente.

ÂNGELA – Quando você pega o jeito do autor, pode dar muito prazer. Não é como criar, mas é quase a mesma coisa.

MARCO – Não tem um livro que chama assim?

ÂNGELA – *Quase a mesma coisa*: Umberto Eco. Sobre tradução justamente.

MARCO – De qualquer forma, é mais criativo que jornalismo.

ÂNGELA – Não necessariamente. Traduzir é... uma passividade ativa. Um tradutor não tem estilo. Claro que um mesmo texto traduzido por duas pessoas diferentes dá traduções diferentes. Você tem de se render ao original, dizer só o que o autor disse, mas fazer soar como a língua da tradução. Não é traduzir só palavras. Se fosse, os tradutores eletrônicos resolveriam tudo, nós seríamos inúteis.

MARCO – Me ocorreu agora que nós três somos intérpretes: o Steiner... Claro. Você. E eu, de certa forma. Intermediando o fato e a comunicação. Jornalismo tem um quê de vampirismo, vivemos do sangue alheio.

ÂNGELA – Se for assim, a tradução também. Só o intérprete de música chega mais perto da criação. Mesmo respeitando a partitura, geram expressões muito diferentes. Talvez porque a música é uma arte do tempo, só existe enquanto está sendo executada. Mas Steiner e Glenn Gould tocando Bach são como dois Bachs diferentes. (*pausa*) E eu gosto mais do jeito lúdico, brincalhão do Glenn Gould. O Steiner tornava Bach muito melódico,

muito... bonito. Bonito demais. (*um riso emocionado*) Eu me sinto traindo o Steiner ao dizer isso...

MARCO – Eu concordo com você. Não, não com a traição. Não acho traição nenhuma. Mas não era exatamente isso que tornava o Steiner uma pessoa tão complexa, tão multifacetada? Como teórico, ele falava da música como... como o Glenn Gould tocando: você sente Bach brincando no teclado, se divertindo com aquela multidão de notas. O Steiner juntava os conceitos mais complexos com essa simplicidade lúdica. Brincava com as ideias. Pulava de filosofia para arquitetura, de história antiga para informática, tudo ligava com tudo. Luminoso, límpido. E quando tocava... aparecia um traço sentimental, uma emocionalidade... quase... não sei...

ÂNGELA – Popular.

MARCO – É.

ÂNGELA – Era esse o segredo dele. Ele tocava Bach como se fosse um bolero, um tango. Não por escolha. Você tem toda razão: era parte da originalidade dele.

MARCO – E você? Como você traduz?

ÂNGELA – Você podia me ajudar! Estou traduzindo o Pavese. Conhece?

MARCO – Não.

ÂNGELA – Um poeta italiano do século vinte. Que se suicidou também. Talvez por isso eu esteja fazendo essa tradução. Cesare Pavese. (*entrega a ele um livro*) Leia aqui. *Lavorare stanca*.

MARCO – “Trabalhar cansa”?

ÂNGELA – Hum-hum.

MARCO – (*lê*) Traversare una strada per scappare di casa
lo fa solo un ragazzo, ma quest'uomo che gira
tutto il giorno le strade, non è più un ragazzo
e non scappa di casa.

Bonito. Você traduziu como?

ÂNGELA – Atravessar uma rua para fugir de casa
só um rapaz é quem foge, mas esse homem que
passa o dia inteiro na rua, não é mais um rapaz

e não foge de casa.

MARCO – Ótimo. Uma coisinha só, aqui... não é “só um rapaz é quem *foge*”; *lo fa solo un ragazzo*; “só um rapaz é quem *faz*”.

ÂNGELA – *Faz o quê?*

MARCO – Foge.

ÂNGELA – Então...

MARCO – Claro! Isso é traduzir! Vamos juntos.

Ci sono d'estate

pomeriggi che fino le piazze son vuote, distese

sotto il sole che sta per calare, e quest'uomo, che giunge

per un viale d'inutili piante, si ferma.

ÂNGELA – Certas tardes de verão

até as praças se esvaziam, estendidas

sob o sol que está para se pôr e este homem, que segue

por uma viela de plantas inúteis, se detém.

MARCO – Val la pena esser solo, per essere sempre più solo?

ÂNGELA – Vale a pena estar só, para ser sempre mais sozinho?

MARCO – Solamente girarle, le piazze e le strade sono vuote.

ÂNGELA – Caminhar apenas, por praças e ruas vazias

MARCO – Bisogna fermare una donna

e parlarle e deciderla a vivere insieme.

ÂNGELA – É preciso parar uma mulher,

falar com ela, convencê-la a viver junto.

MARCO – Altrimenti, uno parla da solo.

ÂNGELA – Senão, só se fala sozinho.

MARCO – Se fossero in due,

ÂNGELA – Se fossem dois,

MARCO – anche andando per strada,

ÂNGELA – mesmo andando na rua,

MARCO – la casa sarebbe

ÂNGELA – a casa estaria

MARCO – dove c'è quella donna

ÂNGELA – onde está a mulher

MARCO – e varrebbe la pena.

ÂNGELA – e valeria a pena.

MARCO – Non è giusto restare sulla piazza deserta.

ÂNGELA – Não é justo ficar nessa praça deserta.

MARCO – Ci sarà certamente quella donna per strada
che, pregata, vorrebbe dar mano alla casa

ÂNGELA – Haverá certamente, na rua, a mulher
que, chamada, teria o desejo de zelar pela casa.

Os dois se olham num longo silêncio.

Os dois se beijam.

Primeiro, só os lábios se tocam, aos poucos, os corpos se aproximam.

Com intensidade crescente.

Explode a música.

Black out.

Fim.